



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

## RELIGIÃO E/É POLÍTICA: AS HOMILIAS DE DOM OSCAR ROMERO NO CENÁRIO DE RESISTÊNCIA E LIBERTAÇÃO SALVADORENHA<sup>1</sup>

*Religion is/and Politics: Dom Oscar Romero's sermons from the perspective  
of the movements and experiences of resistance and liberation in El Salvador*

**Daniel Souza<sup>2</sup>**

Para *Junior*,  
padre amigo e companheiro  
na mística salvadorenha,  
um seguidor de Jesus nas  
trilhas do sertão do Ceará.

**Resumo:** Este artigo procura analisar algumas homilias de Dom Oscar Romero (1917-1980) sobre a relação entre religião & política a partir da seguinte hipótese: as narrativas e os discursos religiosos são políticos e circulam a arena dos espaços públicos sem a simples separação público *versus* privado, comum em alguns debates sobre secularização. Com essa referência, este texto analisa os símbolos construídos de maneira discursiva nas homilias – ou outras falas religiosas – de Dom Romero, para além dos esquemas interpretativos que delimitam a relevância e o alcance dessas linguagens para o uso e incidência restrita nos espaços privados das religiões. A análise que se segue acontece a partir da compreensão e leitura das homilias e da vida de Dom Romero desde os movimentos e as experiências de resistência e libertação em El Salvador, na tentativa de se compreender suas pregações como processos de “encarnação na realidade histórica” de seu país. Como estrutura, este artigo foi organizado em três grandes momentos: i) a compreensão de Dom Oscar Romero como parte da experiência de libertação e resistência salvadorenha; ii) a análise das homilias de Monsenhor Romero, assumindo que o púlpito é um lugar político, organizadas em três grandes temas: o problema da idolatria do dinheiro e do poder militar, o falseamento da

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 20 de agosto de 2016 e aprovado em 23 de setembro de 2016 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Doutorando e mestre em Ciências da Religião (2013), licenciado em Filosofia (2011) e bacharel em Teologia (2010) pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Realiza estudos, com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sobre a relação entre o Estado moderno e seus paradigmas teológicos e os novos movimentos sociais no Brasil. Atualmente preside o Conselho Nacional de Juventude, espaço de participação social junto ao Governo Federal. Contato: dan.vca@gmail.com

justiça, dos meios de comunicação e da religião e a conversão e a esperança de libertação; e iii) como último tópico do texto, apresentam-se as implicações da vida e martírio de Dom Oscar Romero e a construção do seu testemunho.

**Palavras-chave:** Dom Oscar Romero. El Salvador. Teologia da libertação. Homilia. Martírio.

**Abstract:** This article seeks to analyze some Dom Oscar Romero's (1917-1980) homilies in the face of the relation between religion and politics, suggesting the following hypothesis: religious narratives and discourses are political and they circulate the arena of public spaces that do not afford the simple separation between public *versus* private, so common in some debates about secularization. With this in mind, this text analyzes the symbols constructed in discursive manner by D. Romero's homilies—or in other religious discourses—to take them beyond of interpretive schemas that limit the relevance and scope of this language for the restricted use and occurrence in the religious private space. The following analysis takes place according to the reading and comprehension of the homilies and life of D. Romero from the perspective of the movements and experiences of resistance and liberation in El Salvador in an attempt to understand his sermons as processes of “incarnation in the historical reality” of his country. In its structure, this essay is organized in three great movements: i) the understanding of Dom Oscar Romero as part of the experience of Salvadoran resistance and liberation; ii) the analysis of Monsignor Romero's homilies, assuming the pulpit as a political space, into three general themes: the problem of idolatry of money and military power, the falsification of justice, of the media and of religion, and conversion and the hope of liberation; and iii) as the final topic of the text, I present the implications of the life and martyrdom of Dom Oscar Romero and the construction of his witness.

**Keywords:** Dom Oscar Romero. El Salvador. Liberation Theology. Homilies. Martyrdom.

## Introdução: considerações sobre a relação entre religião e espaço público

A relação entre religião e espaço público é um tema latente. No contexto brasileiro, por exemplo, muito se tem dito sobre a atuação das bancadas religiosas como a evangélica, católica e espírita. Nesse cenário evidenciam-se as incidências políticas que são realizadas por essas frentes parlamentares em determinadas pautas, como no enfrentamento à garantia de certos direitos das mulheres e da população LGBT. Além dessa experiência, há também mobilizações de grupos ligados, por exemplo, ao movimento ecumênico que assumem a incidência política como um dos traços de suas espiritualidades e se constituem como “religiões por direitos”, fortalecendo pautas e questões na garantia de direitos humanos, econômicos, sociais, culturais e ambientais.<sup>3</sup> Se os rumos são opostos, um traço é comum nesses trajetos: a religião faz parte do espaço político. Com isso, algumas questões aparecem: Quais os limites entre o

<sup>3</sup> Para compreender a atuação do movimento ecumênico, especialmente na Cúpula dos Povos, processo paralelo à Rio+20, conferir o artigo de OLIVEIRA, Rafael Soares de. Democracia e ação ecumênica para o futuro que queremos. *Rio+20 ao pós-2015: uma ponte entre futuros*. Rio de Janeiro: KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço, 2014. p. 10-29.

público e o privado? Há limites possíveis entre essas esferas? Quais os possíveis espaços e papéis das religiões no âmbito político?<sup>4</sup>

Aqui está a hipótese central deste artigo: as narrativas e os discursos religiosos são políticos e circulam a arena dos espaços públicos sem a simples separação público *versus* privado, comum em alguns debates sobre secularização.<sup>5</sup> Por isso é de fundamental importância analisar os símbolos construídos de maneiras discursivas nas homilias de Dom Romero – ou outras falas religiosas – para além dos esquemas interpretativos que delimitam a relevância e o alcance dessas linguagens para o uso e incidência restrita nos espaços das religiões. Ao se assumir um olhar mais complexo sobre esses discursos de fé e o modo de habitar a arena política, reconhecem-se as dinâmicas de poder presentes na ação humana e busca-se compreender as ambivalências dos discursos religiosos. Ao assumir a ambivalência de falas que seriam estritamente religiosas – e até pouco bem vistas em cenários de atuação pública das religiões, a intenção é reconhecer os excedentes dos discursos religiosos que, em meio às negociações agônicas, podem apontar para resistências aos discursos de violência, aos saberes normatizados e às falas hegemônicas. O caminho é reconhecer em que medida certos discursos favorecem e possibilitam a permanência de determinadas dinâmicas sociais. Porém também buscar, na interação entre diferenças, as possibilidades desses mesmos discursos para a abertura de novos significados que interrompam certas falas de autoridade e ensaiem novas realidades e modos de viver.

Com essa perspectiva sobre religião e política, este artigo se estruturará em três grandes momentos: i) a compreensão de Dom Oscar Romero (1917-1980) como parte da experiência de libertação e resistência salvadorenha; ii) a análise das homilias de Monsenhor Romero, assumindo que o púlpito é um lugar político; e iii) as implicações da vida e martírio de Dom Oscar Romero e a construção do seu testemunho.

## **Monsenhor Romero: uma memória construída a partir da experiência de libertação e resistência salvadorenha**

Ao recordarmos a trajetória de Dom Oscar Romero, é necessário compreendermos, mesmo que minimamente, a interpretação assumida sobre memória, uma tensão entre continuidade e ruptura. Para Jon Sobrino e outros autores, por exemplo, há uma “conversão” do bispo salvadorenho após 1977, ano em que Romero assume como arcebispo de El Salvador. Uma *ruptura* com o trajeto construído até então, marcado por dilemas com determinados grupos “progressistas” na Igreja Católica. Se aqui se

<sup>4</sup> A temática do público e do privado foi trabalhada, especialmente, por Hannah Arendt na obra “A condição humana” (1991). No entanto, essa perspectiva apresentada pela filósofa recebeu críticas de muitas teóricas e movimentos feministas. Um ponto-chave: Arendt assume de maneira acrítica uma tradição clássica, estruturada a partir da oposição entre racional-masculino-livre e biológico-feminino-subalterno, sem se questionar sobre suas exclusões inerentes. (Cf. ASSIS, Mariana Prandini Fraga. *Uma apreciação feminista da teoria arendtiana*. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC. v. 3, n. 1 (1), p. 1-17, ago./dez. 2006. p. 7).

<sup>5</sup> Cf. RORTY, Richard. *Uma ética laica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

evidencia a existência de um bispo conservador em profunda tensão com os jesuítas da Universidade Centroamericana José Simeón Cañas (UCA), onde estavam J. Sobrino e I. Ellacuría, há abordagens que defendem uma *continuidade* na trajetória de Dom Oscar Romero. Algo que aponta Roberto Morozzo.<sup>6</sup> Para esse autor, Romero não era conservador e resistente ao Concílio Vaticano II e a Medellín. Desde antes de assumir como arcebispo (1977) e durante o ministério que se segue até 1980, o bispo seguia com fidelidade a ortodoxia e o magistério eclesial, incluindo em sua missão as perspectivas defendidas pela Igreja Católica.<sup>7</sup>

Com essa abordagem, faço uma escolha em seguir o caminho de Jon Sobrino em salientar a conversão/ruptura do bispo salvadoreño após sua escolha como arcebispo (22 de fevereiro de 1977). Para o teólogo da UCA, a ruptura na trajetória de Romero acontece em 12 de março de 1977, dia do assassinato do padre Rutilio Grande. Diante da amizade entre Rutilio e Romero, Jon Sobrino defende: “Ante o cadáver de Rutilio, caiu a venda dos olhos de Monsenhor Romero: Rutilio tinha razão. A morte de Rutilio foi o que sacudiu Monsenhor Romero e lhe deu a força para um novo fazer”<sup>8</sup>. Por isso, nos desdobramentos desse caso, uma pergunta torna-se fundamental para o bispo de El Salvador: “O que podemos e o que devemos fazer ante o assassinato de Rutilio?”<sup>9</sup>.

Ao seguir o caminho proposto por Sobrino, faço-o ampliando e propondo outras abordagens às mudanças sofridas por Dom Oscar Romero. Assumo a tese *sobriniana* com um caminho tortuoso que compreende a conversão não só de maneira pontual, mas como um processo que se dá de maneira comunitária a partir das experiências de libertação e resistência salvadoreña. É preciso compreender a “pessoa-acontecimento” Dom Oscar Romero como parte de um movimento, para além de uma perspectiva simplesmente personalista, olhando-o como parte de um processo longo de movimentos de resistência e subversão. O dia 12 de março de 1977, diante do corpo de Rutilio Grande, é um “ponto de impacto” no processo amplo de transformação do bispo salvadoreño. Em El Salvador, por exemplo, aconteciam – a partir da arquidiocese – as Semanas Nacionais de Pastoral (1970-1976), com profundo engajamento eclesial a partir das compreensões do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Conferência Episcopal de Medellín (1968). Há diversas experiências de engajamento pastoral e de movimentos populares que marcam o país. Algo que Sobrino também salienta é a importância do povo salvadoreño, suas dinâmicas e suas lutas na vida de Monsenhor Romero, numa relação histórico-transcendente; pois o povo era o pilar, junto a Deus, da esperança de Dom Oscar Romero.<sup>10</sup>

<sup>6</sup> Cf. MOROZZO DELLA ROCCA, Roberto. *Monseñor Romero: vida, pasión y muerte* em El Salvador. Salamanca: Sígueme, 2010.

<sup>7</sup> SILVA, Rogério Mosimann da. *Sempre o bem dos pobres: o pastor Oscar Romero, o teólogo Jon Sobrino e o povo salvadoreño*. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdade EST, São Leopoldo, 2012. p. 45.

<sup>8</sup> SOBRINO, Jon. *Monseñor Romero*. San Salvador (El Salvador): UCA editores, 2007. p. 19.

<sup>9</sup> SOBRINO, 2007, p. 16.

<sup>10</sup> SOBRINO, Jon. *Fuera de los pobres no hay salvación*. San Salvador (El Salvador): UCA editores, 2008. p. 180. Para compreender a importância das experiências de resistência e subversão em El Salvador na

Nessa história, cabe destacar o golpe de Estado, realizado em 1979, que põe fim ao último presidente do Partido de Conciliación Nacional (PCN). Muitos tiveram medo que algo acontecesse como ocorrera na Nicarágua e em Cuba. Os militares resolveram, com a importante ajuda dos Estados Unidos, confrontar de maneira mais direta as experiências populares vivenciadas em El Salvador. As organizações guerrilheiras não desistiram de suas perspectivas. O conflito se instaura. O então presidente Álvaro Magaña e uma junta de militares não fizeram muita coisa para conter os grupos paramilitares de extrema direita que militavam contra as guerrilhas. Um cenário evidente de “violência institucionalizada”. Essa realidade de injustiça e violência atinge também Dom Oscar Romero, que foi assassinado em 24 de março de 1980, com uma bala disparada por um atirador profissional enquanto presidia a Eucaristia na capela do *hospitalito*. Seu fim já estava em seu horizonte, uma “névoa da morte”, como afirmou duas semanas antes do seu martírio em uma entrevista ao jornal mexicano *Excelsior*:

Fui frequentemente ameaçado de morte. Devo dizer-lhe que, como cristão, não creio na morte sem ressurreição: se me matarem, ressuscitarei no povo salvadorenho. Digo isso sem nenhuma ostentação, com a maior humildade. Como pastor, sou obrigado, por mandado divino, a dar a vida por aqueles que amo, que são todos os salvadorenhos, até por aqueles que me assassinarem. Se chegarem a cumprir as ameaças, desde agora ofereço a Deus meu sangue pela redenção e ressurreição de El Salvador<sup>11</sup>.

## O púlpito como lugar político: as homilias de Dom Oscar Romero (1977-1980)

Ào assumir uma interpretação sobre a articulação entre religião e política para além da separação rígida entre público e privado, aproximo-me das homilias de Dom Oscar Romero. À escolha dos seus sermões se deve a hipótese central deste artigo. O púlpito é político, as homilias colocam-se na arena da *pólis* e nas disputas de poder que estruturam as religiões e a organização da sociedade. Nos sermões de Monsenhor Romero isso se evidencia ainda mais, em um cenário marcado por profundas desigualdades e injustiças, em um contexto (1977-1980) que antecede o conflito armado em El Salvador.

Como Miguel Cavada salienta, “há dois momentos bem definidos nas homilias de Monsenhor Romero: (a) a explicação da palavra de Deus e (b) a encarnação da palavra de Deus na realidade histórica”<sup>12</sup>. Com a centralidade nesses pilares, as homilias do bispo salvadorenho se estruturam em quatro momentos: a *introdução* (saudação, contexto social da homilia, contexto litúrgico, resumo das homilias anteriores e de-

---

vida de Dom Oscar Romero, confira a atuação do bispo salvadorenho em Santiago de Maria, uma reflexão elaborada por Rogério da Silva no primeiro capítulo da sua tese de doutorado (SILVA, 2012, p. 16-86).

<sup>11</sup> Cf. <<http://www.arqmariana.com.br/oscar-romero-martir-e-profeta/>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

<sup>12</sup> CAVADA, Miguel. Predicación y profecía: análisis de las homilias de Monseñor Romero. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 34, ene-abr/1995. p. 4.

finição da homilia); a *explicação da palavra de Deus* (título da homilia, enunciado dos três argumentos, desenvolvimento dos argumentos); a *encarnação da palavra de Deus na realidade* (na realidade eclesial, na realidade política, econômica, militar e social do país, com denúncias, juízos dos fatos mais importantes, a presença da voz do povo organizado e os chamados à conversão); e a *conclusão* (resumo doutrinal da homilia e convite para a liturgia eucarística).<sup>13</sup>

Os sermões de Monsenhor Romero mostram-se como centrais na sua prática pastoral e na sua incidência e análise da realidade salvadorenha. Afinal, “sabia que, além da catedral, sempre lotada de fiéis e mesmo de não crentes, sua voz chegava a muitos outros ouvidos (gente simples e devota, líderes políticos de diferentes tendências), através do rádio YSAX, da arquidiocese. Sua voz era ouvida também por quem apenas desejava vigiá-lo e preparar-lhe alguma armadilha”<sup>14</sup>. Com esse modo de elaborar suas homilias e de construir uma determinada “teologia da pregação”, o bispo salvadorenho assume, a partir da encarnação da palavra de Deus na realidade cotidiana, um elemento central em sua fala: a profecia. Como defende Miguel Cavada: “De Monsenhor Romero podemos aprender que toda pregação, para que seja verdadeiramente cristã, é necessário que seja uma pregação profética”<sup>15</sup>. Os símbolos religiosos – como reino de Deus, morte e ressurreição – são compreendidos a partir de uma “encarnação na realidade histórica”. Pois, como afirma Monsenhor Romero numa homilia em 27 de novembro de 1977: “Não podemos segregar a palavra de Deus da realidade histórica em que se pronuncia, porque já não seria a palavra de Deus; seria história, seria livro piedoso, uma bíblia que é livro de nossa biblioteca”<sup>16</sup>.

Com essas questões mais introdutórias sobre a organização das homilias de Dom Oscar Romero, estrutura esta análise dos sermões em quatro grandes blocos, que dialogam com as temáticas organizadas por Jon Sobrino no texto “*Monsenhor Romero*”: i) o problema da idolatria do dinheiro e do poder militar; ii) o falseamento da justiça, dos meios de comunicação e da religião; iii) a conversão e a esperança de libertação.

## O problema da idolatria do dinheiro e do poder militar

Para começar, apresento trechos de algumas homilias de Monsenhor Romero:

*30 de setembro de 1979*: É necessário ir à base das transformações de nossa sociedade. Se queremos que cesse a violência e que cesse todo mal-estar, é preciso ir à raiz. E a raiz está aqui: na injustiça social.<sup>17</sup>

<sup>13</sup> CAVADA, 1995, p. 4-5.

<sup>14</sup> SILVA, 2012, p. 91.

<sup>15</sup> CAVADA, 1995, p. 9.

<sup>16</sup> Apud CAVADA, 1995, p. 9.

<sup>17</sup> Todas as homilias foram retiradas de SOBRINO, 2007, p. 119-148.

04 de novembro de 1979: Enquanto não se convertem os idólatras, das coisas da terra ao único Deus verdadeiro, teremos nesses idólatras o maior perigo para a nossa pátria [...]. Não querem que toquem em seus privilégios.

24 de fevereiro de 1980: A oligarquia nesses momentos está desesperada e está querendo reprimir cegamente o povo [...]. Esse ato de dinamitar a YSAX é tudo um símbolo. O que significa? A oligarquia, ao ver o perigo que existe de que se perca o completo domínio que tem sobre o controle da inversão, da agroexportação e sobre todo, ou quase, monopólio da terra. Está defendendo seus interesses egoístas, não com razões, não com o apoio popular, mas com a única coisa que tem: o dinheiro que permite comprar armas e pagar mercenários, que estão massacrando o povo e afogando toda expressão legítima que clama por justiça e liberdade.

16 de março de 1980: Esse sangue, a morte, tocam mesmo o coração de Deus. Fazem que nem a reforma agrária, nem a nacionalização do banco, nem outras medidas prometidas podem ser fecundas; sim, há sangue [...]. Torturam e matam e preferem seus capitais ao homem (sic).

A temática da idolatria presente nos trechos das homilias de Dom Oscar Romero são sinais de um assunto fundamental na construção de determinadas teologias da libertação, como aquelas elaboradas na “Escola do DEI”<sup>18</sup> e naquele que tenho denominado de “Círculo de El Salvador”, o conjunto de reflexões organizado na Universidade Centro-Americana José Simeon Cañas. Ao sinalizar a injustiça social como raiz estrutural da violência, com a relação entre dinheiro e poder econômico, político e militar, Monsenhor Romero apresenta o conceito teológico de idolatria. Os ídolos são, pois, realidades históricas que se fazem passar por divindades, com características de ultimidade, autojustificação, intocabilidade, promoção de salvação a seus adoradores e adoradoras, embora os desumanizem e exijam, sobretudo, vítimas para continuar a existir.<sup>19</sup> Ao se tocar nos ídolos – dizendo a verdade sobre o contexto, analisando as causas estruturais de uma realidade sacrificial, para além dos relatos da oficialidade –, há a necessidade do assassinato de quem denuncia: “e a necessidade – tragicamente – é estrutural e não provém da crueldade de fulano ou beltrano, desse ou daquele grupo. É a necessária reação dos ídolos de morte contra qualquer um que se atreva a tocá-los”<sup>20</sup>.

Como pregou Romero: “Esse sangue, a morte, tocam mesmo o coração de Deus. [...] sim, há sangue [...]. Torturam e matam e preferem seus capitais ao homem (sic)”. A idolatria do dinheiro exige a morte e o sacrifício e não permite o confronto e a denúncia, a destruição de seus absolutos. Como disse Monsenhor Romero: “Não querem que toquem em seus privilégios”, as riquezas colocadas como

<sup>18</sup> DEI: Departamento Ecumênico de Investigações – Costa Rica. Ao se denominar escola, pensa-se em corrente interna e crítica das teologias da libertação latino-americanas que aborda temáticas relacionadas, por exemplo, com teologia e economia. Entre os nomes de referência: Hugo Assmann, Jung Mo Sung e Franz Hinkelammert. Cf. SUNG, Jung Mo. *Teologia e economia: repensando a teologia da libertação e utopias*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 112-115.

<sup>19</sup> SOBRINO, Jon. *Os seis jesuítas mártires de El Salvador*. Depoimento de Jon Sobrino. São Paulo: Loyola, 1990. p. 32.

<sup>20</sup> SOBRINO, 1990, p. 32.

realidades últimas, mesmo que para mantê-las sejam necessárias a violência e a impossibilidade da reforma agrária, a “nacionalização do banco”, e de outras medidas capazes de por fim à injustiça.

Os imaginários teológicos constroem-se a partir das realidades humanas e na tentativa de responder e intervir em determinados contextos. Nesse sentido, como podemos intuir dos sermões apresentados por Dom Oscar Romero e selecionados anteriormente, é preciso discernir entre deuses falsos e o Deus verdadeiro. Se há uma verdadeira divindade, como sinaliza Romero, há também falsas divindades. Estamos, portanto, permanentemente, numa luta entre deuses, entre esquemas teológicos que sustentam práticas políticas e concepções de governo. Uma disputa entre os ídolos que pedem sangue e afogam “toda expressão legítima que clama justiça e liberdade” e o Deus que deixa tocar o seu coração ante a morte. Com essa luta, é preciso ler aquilo que os símbolos significam, como a explosão da rádio YSAX. É necessário abraçar a pergunta levantada pelo bispo como pressuposto para “encarnação da palavra de Deus na realidade histórica”: “O que significa?” Aqui reside o chamado ao discernimento, ao critério que desvela os sinais dos deuses.

Assim, a compreensão dos discursos teológicos favorece o desvelar das estruturas que sustentam práticas e teorias político-econômicas, um exercício feito por Romero em suas homilias, denunciando oligarquias e o seu ídolo, o dinheiro, “que permite comprar armas e pagar mercenários, que estão massacrando o povo”.

Relacionada a essa idolatria do dinheiro há também a idolatria do poder militar. Algo que pode ser visto na crítica e no chamado realizados por Monsenhor Romero:

*23 de março de 1980:* Eu quero fazer um chamamento de maneira especial aos homens do exército e em concreto às bases da Guarda Nacional, da polícia, dos quartéis. Irmãos! São de nosso mesmo povo! Matam seus mesmos irmãos campesinos! E ante uma ordem de matar que dê um homem, deve prevalecer a lei de Deus que diz: não matar! Nenhum soldado está obrigado a obedecer a uma ordem contra a lei de Deus. Uma lei imoral ninguém tem que cumprir. Já é tempo de recuperar sua consciência; e que obedeçam antes à sua consciência do que à ordem do pecado. A igreja, defensora dos Direitos Humanos, da lei de Deus, da dignidade humana, da pessoa, não pode ficar calada ante tanta abominação. Queremos que o governo leve a sério que de nada servem as reformas se vão tingidas com tanto sangue. Em nome de Deus, pois, e em nome deste sofrido povo, cujos lamentos sobem até o céu a cada dia mais tumultuosos, lhes suplico, lhes rogo, lhes ordeno, em nome de Deus: Cesse a repressão!

Essa homilia proferida por Dom Oscar Romero um dia antes de sua morte traz algumas pontos importantes para a reflexão que desenvolvo neste artigo. Elenco pelo menos três temas centrais: i) a irmandade e a construção da comunidade salvadoreña; ii) o critério para o julgamento da lei; e iii) a atuação da igreja e de Deus diante da repressão. Para além de uma separação entre o povo, os camponeses, as pessoas articuladas em movimentos de resistência e os soldados do exército, Monsenhor Romero compreende-os como parte de uma mesma comunidade, uma irmandade. É como se convocasse à compaixão: “Irmãos! São de nosso mesmo povo! Matam seus irmãos campesinos”. Antes da ordem e da hierarquia militar estabelecida há uma relação de



irmandade construída no povo que deveria superar as leis e ordens injustas, orientadas pelos ídolos de morte. Aqui reside outro ponto. A lei que se coloca sobre a irmandade e as teias de humanidade deve ser julgada pela “lei de Deus que diz: não matar”. Um símbolo que estaria apenas no âmbito do privado deve julgar “uma lei imoral”. Como diz Monsenhor Romero: “Nenhum soldado está obrigado a obedecer a uma ordem contra a lei de Deus”.

Franz Hinkelammert, no mesmo sentido de análise da lei apresentada por Monsenhor Romero, procura realizar articulações entre Paulo e Marx, principalmente no ponto de vista de crítica à lei, tomando como exemplo a Carta aos Romanos. Como afirma Hinkelammert sobre as semelhanças entre o apóstolo e o filósofo: “A lei a que ambos se referem tem um núcleo comum: em Paulo, é a lei romana; em Marx, a lei do código civil. Para efeitos de crítica da lei, elas não se distinguem”<sup>21</sup>. Dessa concepção decorrem dois elementos-chave: i) o conceito de pecado, a partir de uma distinção entre os pecados (que violam a lei) e o Pecado (o cumprimento da lei), numa denúncia da exploração e opressão quando a lei é cumprida, protegidas por aparelhos de repressão; ii) relacionada ao anterior, a denúncia da lei no sentido em que se considera o seu cumprimento como a justiça, sem reconhecer as injustiças que esses parâmetros legais podem causar.<sup>22</sup> Se há semelhanças entre Marx e Paulo, para Hinkelammert, há uma diferença fundamental: a solução apresentada por ambos, enquanto Marx busca a resolução na abolição da lei como quadro legal do mercado e do capital; Paulo (na Carta aos Romanos) apresenta como solução “o amor ao próximo”, para além de um critério moral, mas do ponto de vista do critério da racionalidade da ação humana ante as irracionalidades da lei e do mercado, com chave na convivência e não na competição.<sup>23</sup>

Essas considerações em muito se relacionam com o trecho da homilia de Dom Oscar Romero. Como afirma o bispo: “Uma lei imoral ninguém tem que cumprir. Já é tempo de recuperar sua consciência; e que obedçam antes à sua consciência do que à ordem do pecado”. Obedecer à lei, que é sustentada pelos regimes de opressão e violência, é um pecado e uma injustiça encoberta pelo engodo da justiça e das reformas que “vão tingidas com tanto sangue”. Pois a lei, colocada como parâmetro a ser seguido pelos soldados, guia-se pelos ídolos de morte, pela lógica e irracionalidade do sacrifício. Ao buscar retomar a irmandade entre o povo salvadoreño, ao colocar o soldado ao lado dos campesinos, Monsenhor Romero também procura apelar para o “amor ao próximo”, com a chave da convivência e da solidariedade. E isso se relaciona com o que se espera da prática eclesial: “A igreja, defensora dos Direitos Humanos, da lei de Deus, da dignidade humana, da pessoa, não pode ficar calada ante tanta abominação”. O exercício de amor deve orientar também a comunidade de fé, colocando-se como uma “igreja samaritana”, como defende Jon Sobrino, uma “igreja descentrada pela misericórdia”<sup>24</sup>.

<sup>21</sup> HINKELAMMERT, Franz. *A Maldição que pesa sobre a lei: as raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 11.

<sup>22</sup> HINKELAMMERT, 2012, p. 11-12.

<sup>23</sup> HINKELAMMERT, 2012, p. 12-14.

<sup>24</sup> SOBRINO, Jon. *El principio misericordia*. San Salvador (El Salvador): UCA editores, 1999a. p. 39.

## O falseamento da justiça, dos meios de comunicação e da religião

O segundo bloco de homilias de Monsenhor Romero que desejo analisar a partir da relação entre religião e espaço público aponta para o falseamento da justiça, da comunicação e da religião. Selecionei os trechos abaixo:

*14 de maio de 1978:* Essa honorável corte não tem remediado essas situações, tão contrárias às liberdades públicas e aos direitos humanos, cuja defesa constitui sua mais alta missão. Temos, pois, que os direitos fundamentais do homem [sic] salvadorenho são pisoteados dia a dia, sem que nenhuma instituição denuncie os atropelos e realize sincera e efetivamente um saneamento nos procedimentos.

*14 de maio de 1978:* Essa denúncia me impõe o evangelho, por ele que estou disposto a enfrentar o processo e o cárcere, ainda que com ele não se faça mais que agregar outra injustiça.

*24 de junho de 1979:* A missa submete-se à idolatria do dinheiro e do poder quando se usa para dissimular situações pecaminosas, quando se usa a missa para fazer ver o povo que não há diferenças com a igreja. E o que menos importa é a missa, e o que mais importa é sair em periódicos, fazer prevalecer uma convivência meramente política. Como temos profanado a Eucaristia!

*2 de setembro de 1979:* A igreja tem experimentado com o povo essa marginalização. Quantas coisas queremos publicar e não há lugar, porque ofendem à opressão e à repressão [...]. Muitos meios que deveriam servir a verdade e a liberdade não o fazem.

As palavras de Monsenhor Romero apontam o falseamento da justiça e sinalizam os limites da sua execução. Como vimos no ponto anterior, a lei estruturada pelo sistema opressor e violento é uma lei injusta, cumpri-la é um pecado. Ao criticar o modo como a justiça salvadorenha se organiza, o bispo salvadorenho segue a mesma lógica dos sermões anteriores. A que e a quem serve a burocracia do direito? A que e a quem serve a justiça? A violência institucionalizada organiza também o judiciário: “Essa honorável corte não tem remediado essas situações, tão contrárias às liberdades públicas e aos direitos humanos, cuja defesa constitui sua mais alta missão”. Se a justiça apoia e reforça a violência e a negação de direitos, é necessário seguir outros critérios que irrompam com a lei imoral e “neutra”.

Como afirma Jon Sobrino: “Monsenhor Romero constatou que, no país, tanto a promulgação de leis como a administração da justiça estavam a serviço dos poderosos e contra os pobres”<sup>25</sup>. Diante dessa realidade, qual a saída? “A lei deve ser para defender o pobre, e não uma lei, supostamente imparcial, que sempre favorece os poderosos.”<sup>26</sup> Há, aqui, um critério para se julgar a atuação do judiciário, algo bem presente na construção da teologia do “Círculo de El Salvador”. Não há neutralidade, toda narrativa é parcial e localizada, não seria diferente na organização da burocracia e do modo de elaboração das próprias leis.

<sup>25</sup> SOBRINO, 2007, p. 129.

<sup>26</sup> SOBRINO, 2007, p. 129-130.

Nesse movimento de crítica, um segundo falseamento apontado pelo bispo salvadorenho se dá nos meios de comunicação, pois “muitos meios que deveriam servir a verdade e a liberdade não o fazem”. Essa relação entre poder e comunicação não é recente. Há uma articulação construída sobre o ímpeto da repressão e da militarização que relaciona o poder executivo, o poder judiciário, o poder legislativo, as dimensões da economia e os meios de comunicação. É como se o controle se desse em todos os âmbitos da vida, ocasionando uma diminuição nas possibilidades e nos espaços para a resistência. Como salienta Monsenhor Romero, “a igreja tem experimentado com o povo essa marginalização. Quantas coisas queremos publicar e não há lugar porque ofendem à opressão e à repressão”. Mas esse falseamento não se dá apenas pela construção de imaginários a partir dos meios de comunicação. A religião também cumpre o seu papel no fortalecimento da violência institucionalizada e na permanência da repressão e da militarização dos corpos e dos territórios. Como afirmou o bispo: “A missa submete-se à idolatria do dinheiro e do poder quando se usa para dissimular situações pecaminosas, quando se usa a missa para fazer ver o povo que não há diferenças com a igreja”. Aqui quero retomar as discussões de Hugo Assmann e Franz Hinkelammert sobre a idolatria e o papel das falas religiosas.

Para esses autores, “ídeos são deuses da opressão. Biblicamente, o conceito de ídolo e idolatria está diretamente vinculado à manipulação de símbolos religiosos para criar sujeições, legitimar opressões e apoiar poderes dominadores na organização do convívio humano”<sup>27</sup>. A crítica de Dom Oscar Romero vai ao centro da questão. A vivência litúrgica, os símbolos do pão e da palavra estão orientados a partir da “idolatria do dinheiro e do poder”, uma religião que legitima a violência, a repressão e o capital. Mas também podemos analisar essa crítica a partir de um outro ponto. Se o ídolo, como salienta Assmann e Hinkelammert (e também Sobrino), manipula símbolos religiosos, colocando-se como realidade última, autorreferente, o falseamento da religião pode também ser visto em realidades que não fazem parte “estritamente” do cenário religioso, como a missa, a Eucaristia, mas dinâmicas ditas como “seculares”, como o próprio dinheiro e o poder militar. Assim, a crítica do Monsenhor lança-se à religião submetida à repressão e à violência; e às instâncias do poder político e poder econômico estruturadas a partir do esquema religioso, readaptando símbolos e narrativas. Com essa preocupação, o bispo salvadorenho foi firme em “evitar que o culto e suas celebrações pudessem ser usados para qualquer coisa que pudesse aparecer como legitimação da injustiça e da repressão, como convivência com seus responsáveis”<sup>28</sup>.

## A conversão e a esperança de libertação

O último bloco de análise articula algumas homilias que tratam do tema da conversão, do castigo e da esperança de libertação em El Salvador.

<sup>27</sup> ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz. *A idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia*. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 11.

<sup>28</sup> SOBRINO, 2007, p. 137.

*28 de outubro de 1979:* Correm o perigo, queridos irmãos das organizações populares políticas, de cair nessa absolutização que eu denunciava em minha carta pastoral, e de construir – como critérios de suas ações – unicamente o que vocês pensam.

*16 de dezembro de 1979:* Uma verdadeira conversão tem hoje que descobrir os mecanismos sociais que fazem do trabalhador ou do camponês pessoas marginais. Por que só há ingresso para o pobre camponês na temporada de café, de algodão e de cana? Por que essa sociedade necessita ter camponeses sem trabalho, trabalhadores mal pagos, gente sem salário justo? Esses mecanismos se devem descobrir, não quem estuda sociologia ou economia, senão cristãos, para não ser cúmplices dessa máquina que está fazendo cada vez gente mais pobre, marginalizada e indigente. Só por esse caminho se poderá encontrar a verdadeira paz na justiça. Por isso a igreja apoia todo aquele que fomenta a mudança estrutural.

*27 de janeiro de 1980:* Estou seguro que tanto sangue derramado e tanta dor causada aos familiares de tantas vítimas não será em vão... É sangue e dor que regarão e fecundarão novas e cada vez mais sementes de salvadorenhos que tomam consciência da responsabilidade que têm em construir uma sociedade mais justa e humana, e que frutificarão nas reformas estruturais audaciosas, urgentes e radicais de que necessita nossa pátria.

Em um ciclo de homilias marcadamente proféticas, Dom Oscar Romero articula a denúncia, com o chamado à conversão e o anúncio do castigo e da esperança. Como salienta no sermão de 16 de dezembro de 1979, é necessário uma “mudança estrutural”. Como pergunta o bispo de El Salvador: “Por que só há ingresso para o pobre camponês na temporada de café, de algodão e de cana? Por que essa sociedade necessita ter camponeses sem trabalho, trabalhadores mal pagos, gente sem salário justo?”. É necessário converter-se de maneira individual (ricos, políticos, juízes, militares) e também de maneira estrutural, uma transformação nas bases da organização social, para não sermos cúmplices “dessa máquina que está fazendo cada vez gente mais pobre, marginalizada e indigente”. Romero – desde as construções do “Círculo de El Salvador” – segue a convocatória para a mudança de mentalidade e orientação ao projeto do reino de Deus em tensão com as realidades de “antirreino”, centradas na injustiça. A conversão significa, assim, a transformação real do coração; e isso resulta na aplicação dessa transformação às estruturas, para que deem vida às maiorias pobres.<sup>29</sup> A negação do convite à conversão implicará castigos, não como diziam os profetas de Israel, nem como uma explícita ação de Deus, mas como própria consequência das ações pecaminosas.<sup>30</sup>

Se em muitos momentos das suas homilias o Monsenhor Romero apresenta uma fé em Deus, mas também uma fé no ser humano na transformação da realidade salvadorenha, há também que se levar em consideração que o bispo reconhece os limites da atuação humana na “mudança estrutural” e na construção do reino de Deus. Tanto em Romero como em outras reflexões do “Círculo de El Salvador”, há uma tensão histórico-transcendente no reino de Deus. Não sem motivo, na homilia de 28

<sup>29</sup> SOBRINO, 2007, p. 141.

<sup>30</sup> SOBRINO, 2007, p. 141.

de outubro de 1979, o bispo critica a prática das organizações populares elevadas ao “valor supremo”: “correm o perigo, queridos irmãos das organizações populares políticas, de cair nessa absolutização que eu denunciava em minha carta pastoral”. Ao se assumir que o reino de Deus é o “domínio de Deus”, essa realidade histórico-transcendente precisa ser compreendida entre a concretude humana e a ultimidade de Deus, mostrando-se como histórico-transcendente, não podendo ser igualado apenas a uma realidade contingente e transitória.

Ao buscar apontar os limites dos projetos humanos e das “mudanças estruturais”, Monsenhor Romero não abandona a esperança, mas apenas a coloca para além das idolatrias dos próprios projetos e pensamentos, evitando uma “falsa adoração” às construções humanas absolutizadas. Como diz o seu sermão de 27 de janeiro de 1980, tem-se a esperança de que o sangue e a dor irão regar “novas e cada vez mais sementes de salvadorenhos que tomam consciência da responsabilidade que têm em construir uma sociedade mais justa e humana, e que frutificarão nas reformas estruturais audaciosas, urgentes e radicais de que necessita nossa pátria”. Uma esperança que não transforma a crítica radical em uma impossibilidade de caminhar; nem a promessa de se construir uma sociedade mais justa um horizonte que negue a própria vida e as mudanças que o contexto salvadorenho poderia possibilitar. Como afirma Jon Sobrino, a esperança de Monsenhor Romero “foi uma esperança fundada porque via que já ia se cumprindo a promessa de Deus na tomada de consciência, na organização, na generosidade, na solidariedade do povo, dos despossuídos, dos pobres; e, simultaneamente, nas comunidades de bases populares, em uma igreja perseguida”<sup>31</sup>. Um esperar que acontece a partir das experiências já vivenciadas entre as pessoas e também como um compromisso baseado no “mistério do amor de Deus, que é maior que o mistério da iniquidade”<sup>32</sup>.

## Considerações finais: o martírio e o desafio do testemunho de Monsenhor Romero

Para encerrar este artigo sobre a relação entre religião e política a partir das homilias de Dom Oscar Romero, não poderia esquecer ou excluir o assassinato do bispo salvadorenho em 24 de março de 1980.<sup>33</sup> Suas palavras e seus sermões precisam ser lidos a partir do compromisso e da radicalidade vivenciada no martírio. Mas também como o martírio é resultado da sua vida, a sua morte precisa ser interpretada a partir de suas opções, de sua profecia, coração das suas homilias e o centro da sua “teologia da pregação”. A partir dessas considerações, busquei compreender, mesmo que inicialmente, o testemunho de Monsenhor Romero, na reconstrução e reinvenção

<sup>31</sup> SOBRINO, 2007, p. 148.

<sup>32</sup> SOBRINO, 2007, p. 148.

<sup>33</sup> Para aprofundar a reflexão sobre os “mártires jesuânicos” e sua relação com a cristologia no método teológico de Jon Sobrino, conferir SOUZA, Daniel Santos. *Cristologia na encruzilhada: possibilidades de uma cristologia pluralista da libertação* a partir de J. Dupuis e J. Sobrino. São Paulo: Reflexão, 2016.

de narrativas sobre o martírio, algo que possibilite a abertura de novos sentidos e novos significados.

Nesse movimento, Jon Sobrino procura repensar o conceito de martírio. De maneira “oficial”, numa tradição cristã, martírio é: “A aceitação livre e paciente da morte por causa da fé (incluindo seu ensino moral) em sua totalidade ou com respeito a uma doutrina concreta (esta vista sempre na totalidade da fé)”<sup>34</sup>. É a compreensão do martírio como *odium fidei*, um “supremo testemunho” da fé cristã. No entanto, a partir de histórias como essas, de “seguidores e seguidoras de Jesus até a morte”, é necessário – conforme Jon Sobrino – transformar a compreensão do martírio. Assim, mártir é, fundamentalmente, “aquele e aquela que, no substancial, seguem Jesus, vivem dedicados à causa de Jesus e morrem pelas mesmas razões de Jesus. São os mártires ‘jesuânicos’”<sup>35</sup>. E isso implica duas novidades em relação à concepção “oficial” de martírio. A primeira, seguir o modo de vida de Jesus e sua prática é levar em frente o anúncio do evangelho do reino de Deus para as vítimas e a denúncia profética do antirreino; a segunda, o “mártir jesuânico” não é apenas, nem principalmente, aquele que morre por Cristo ou por causa de Cristo (*odium fidei*), mas, sobretudo, o que morre como Jesus e pela causa de Jesus.

As realidades de mártírios jesuânicos apontam para a existência de ídolos – realidades históricas que se fazem passar por divindades. Cabe salientar ainda que as implicações que o martírio traz estão profundamente articuladas com a realidade dos “povos crucificados”, que completam em seus corpos o sofrimento do servo de Javé. Como salientou Sobrino: “O povo crucificado é, em definitivo, o que dá sentido aos mártires jesuânicos”<sup>36</sup>.

Aqui localiza-se a compreensão do martírio de Dom Oscar Romero, um “mártir jesuânico”. Ao se colocar no seguimento de Jesus, Romero anuncia o reino de Deus e o evangelho para as vítimas; mas também morre como Jesus e pela causa de Jesus – em confronto com os ídolos de morte e as realidades de antirreino. Ao ser desse modo, Monsenhor Romero (e a experiência de resistência vivenciada em El Salvador) nos faz repensar a compreensão do papel da religião no espaço público. Muito mais que a negação/exclusão da presença de narrativas religiosas no cenário do político (muito decorrente das ameaças dos fundamentalismos), a proposta que pode ser vista no bispo salvadoreño é o reconhecimento da ambivalência das religiões (um dos tópicos de sua crítica é a religião aliada à repressão), numa chave que provoca a negociação e a (des)construção de símbolos por dentro das narrativas religiosas, em suas ambiguidades e limites, por isso o púlpito e a leitura bíblica mostram-se como políticas.

Nessa articulação, é de fundamental importância, dando um outro passo na compreensão do martírio, interpretar a tradição cristã e os textos tidos como sagrados no cristianismo a partir dos corpos-mártires. Um movimento interpretativo que resulta em horizontes prático-discursivos elaborados a partir do espírito das testemunhas da

<sup>34</sup> SOBRINO, Jon. Los mártires jesuânicos en el tercer mundo. *Revista Latinoamericana de Teología*, v. 16, n. 48, 1999b. p. 240.

<sup>35</sup> SOBRINO, 1999b, p. 241.

<sup>36</sup> SOBRINO, 1999b, p. 254.

justiça. Os corpos dos e das mártires são memória do pecado estrutural e da resistência em prol da justiça e da liberdade; são a nomeação pública de contextos injustos, para que as histórias das vítimas não sejam encobertas; são exigências políticas de transformação e subversão de realidades de morte e uma provocação permanente para o comprometimento com a experiência de resistência, em um poder-comunidade.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- ASSIS, Mariana Prandini Fraga. *Uma apreciação feminista da teoria arendtiana*. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC. v. 3, n. 1 (1), p. 1-17, ago./dez. 2006.
- ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz. *A idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- CAVADA, Miguel. Predicación y profecía: análisis de las homilias de Monseñor Romero. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 34, p. 3-36, ene-abr/1995.
- HINKELAMMERT, Franz. *A Maldição que pesa sobre a lei: as raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso*. São Paulo: Paulus, 2012.
- MOROZZO DELLA ROCCA, Roberto. *Monseñor Romero: vida, pasión y muerte em El Salvador*. Salamanca: Sígueme, 2010.
- OLIVEIRA, Rafael Soares de. Democracia e ação ecumênica para o futuro que queremos. *Rio+20 ao pós-2015: uma ponte entre futuros*. Rio de Janeiro: KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço, 2014. p. 10-29.
- RORTY, Richard. *Uma ética laica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SILVA, Rogério Mosimann da. *Sempre o bem dos pobres: o pastor Oscar Romero, o teólogo Jon Sobrino e o povo salvadorenho*. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2012.
- SOBRINO, Jon. *Monseñor Romero*. San Salvador (El Salvador): UCA editores, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Os seis jesuítas mártires de El Salvador*. Depoimento de Jon Sobrino. São Paulo: Loyola. 1990.
- \_\_\_\_\_. *El principio misericordia*. San Salvador (El Salvador): UCA editores, 1999a.
- \_\_\_\_\_. Los mártires jesuánicos en el tercer mundo. *Revista Latinoamericana de Teología*, v. 16, n. 48, p. 237-255, 1999b.
- SOUZA, Daniel Santos. *Cristologia na encruzilhada: possibilidades de uma cristologia pluralista da libertação a partir de J. Dupuis e J. Sobrino*. São Paulo: Reflexão, 2013.
- SUNG, Jung Mo. *Teologia e economia: repensando a teologia da libertação e utopias*. Petrópolis: Vozes, 1994

## Site consultado

<<http://www.arqmariana.com.br/oscar-romero-martir-e-profeta/>>. Acesso em: 13 jan. 2015.